UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Jefferson Dionísio

**O *LOGOS* EM SÃO JUSTINO**

Santos, 2017

Jefferson Dionísio

O *LÓGOS* EM SÃO JUSTINO

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Católica de Santos como requisito para obtenção de graduação em Filosofia.

Orientador: Prof° Me Dr° Pe Antonio Castilho

Santos, 2017

Jefferson Dionísio

O *LÓGOS* EM SÃO JUSTINO

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Católica de Santos como requisito para obtenção de graduação em Filosofia.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_/

BANCA EXAMINADORA:

DEDICATÓRIA

A vocês, meus irmãos, que não tem voz nem vez

Que dependem de nós para comer, para vestir, para viver

Que ficam nas calçadas no frio, no sol, no abandono

Que não tem família, que não tem amor

Que não tem pra quem voltar, que não tem nada, apenas a própria sorte

Que fulguram a gritante desigualdade social e o descaso do Governo e principalmente de nós todos

A vocês, meus irmãos, aos seus despercebidos sentimentos

Suas despercebidas lágrimas

Ofereço a vocês, em primeiro lugar, meus irmãos, esse trabalho

A todos os moradores de rua do Brasil.

Também a todos vocês, no qual eu rezo todos os dias, meus grandes amigos:

Que vivem longe de casa para mover esse País

Que vivem sob a mira do perigo nas estradas do Brasil

Que pagam o preço caro do pedágio e da saudade

Meus irmãos caminhoneiros.

A todos aqueles que estão pacientes na esperança e no tratamento

A vocês, que sofrem na fila de espera

Que já não tem esperança de viver

Cujo medo da morte é o constante pesadelo

E as lembrança do passado são a causa de tristeza

e esperança de novos dias

A vocês que rezam, choram, e sofrem

Meus irmãos doentes e internados.

A vocês, meus grandes amigos desconhecidos

Que experimentam o cálice da tristeza

Que amam e não são amados, que sentem saudade

daquilo que nunca tiveram.

Que não conseguem ver dias melhores

Que enterraram a razão de viver

Ninguém vê o sofrimento de vocês, ninguém vê como vocês são, também, lindos

A você, meu querido/a, que é chamado/a de louco/a

Eles veem os seus defeitos, somente os seus defeitos

A vocês, sofredores desgraçados incorrespondidos e que não conhecem *integralmente* o que é o amor...

Não é justo o sofrimento que vocês passam, e sinto muito não poder ainda ajuda-los de outra forma

Dedico-vos minhas orações constantemente

E esse trabalho

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus porque Ele é bom e porque dispõe grande misericórdia e bondade ao meu protesto incompreensivo durante as trevas do caminho.

Agradeço a vocês meus grandes amigos de todas as difíceis horas; Grande mestre e intercessor Beato Salvio Huix de Miralpeix, São Daniel Comboni, São Carlos Lwanga, São Vitor I, Santo Atanásio, o polêmico, São Dionísio o areopagita, Santo Hipólito, grande intercessor, Santo Expedito, Santo Afonso de Ligório e São Geraldo Magela.

Agradeço a Santa Mãe de Deus, a Virgem Maria, pelas intercessões tão obscuras e incompreensíveis as nossas tão humanas ciências.

Agradeço a minha mãe, porque não existe amor maior ao que ela à minha pessoa dispensa.

Agradeço ao meu pai também; por da mesma forma sentir o que minha mãe sente.

Agradeço aos meus irmãos Antônio e Daniele e ao namorado da minha irmã, pois me ajudaram quando eu mais precisei da ajuda deles *porque família é à base da sociedade*.

Agradeço ao Professor Fabio Maimone, pois se não fosse uma de suas aulas, com absoluta certeza eu teria mudado de curso e não estaria nesse último semestre de filosofia.

Agradeço ao “*professor desconhecido*” que pagou uma das minhas mensalidades quando eu me vi sem dinheiro. Quero e vou ser como você, grande amigo/a.

Agradeço aos meus amigos; Padre Julio, grande exemplo de intelectualidade e compromisso pastoral; Padre Albino, grande exemplo de fé e espiritualidade, Padre Thomas, grande missionário protótipo de sacerdote; Padre Isaac, modelo de verdadeiro sacerdote, Reverendo Sergio, Padre Daniel Oliveira da Igreja Ortodoxa, modelo de homem, exemplo de sacerdote; uma *missa viva* e uma constante aula de amizade e seriedade Cristocêntrica. Agradeço também aos meus grandes amigos e colaboradores; Sr Casemiro, Dona Fina, Rodrigo, Sr Antonio dos Vicentinos, Maria Tornatori, que me ajudou também num momento que me vi sem esperanças, Daniel, digníssimo!  José, Daniela, Ricardo, aluno desse sexto semestre, que me auxiliou deveras durante esse último ano e que pude aprender muito com o sue convívio; Mauricio, Luciana, e tantos outros que não me recordo o nome. Se não por vocês, hoje meus sonhos estariam enterrados sobe choros desesperados abaixo de flores de saudade.  ( o pai do Frei) O Jura e sua mulher,

Agradeço aos meus antigos companheiros de trabalho, que acreditaram em mim quando iniciei esse curso, Dona Patrícia, exemplo de administração, de cristianismo, e de vida; Sr Joaquim, que também apostou nas minhas pequenas qualidades quando eu nem pensava em escrever um dia um T.C.C. e tantos outros; Sr. Francisco, Dona Vera, os rapazes do som, entre tantos outros.

( Ao Camp, a Vip)

Agradeço aos Meus amigos; missionários redentoristas; Congregação da Missão; Monges Cistercienses e Missionários da Imaculada padre Kolbe.

Agradeço à minha Mãe e Mestra **IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA**, pois eu não vivo sem você, *“Mater mea sunt”*.

Agradeço novamente à minha Mãe e Mestra **IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA,** pois tudo o que eu sou hoje, onde cheguei e todas as minhas ações, foram por amor a ti e à observação de seus mandamentos; “*magister meum est”*

Agradeço também a todos os meus amigos dessa Universidade: Ricardo, grande parceiro de todos e pra tudo, Davi, Marcela, Juliete Franca, Juliete Vilarinho, aventureira, Flávio, grande seminarista, Yuri, Nicolas, Wilson, ótimo rapaz, ótimo seminarista, Felipe, que me ajuda sem saber. Vou lembrar-me de vocês, pois participam e constroem esse meu sonho a cada dia.

Agradeço também a todos os meus amigos dessa Universidade e de tanta gente que, de alguma forma, constrói esse meu sonho a cada dia.

Aos Motoristas da Viação Piracicabana que fazem a linha “932” que me levam e trazem todos os dias desse sonho. Também aos motoristas que fazem as linhas; “948, 940, 939”, pois me levam e trazem todos os dias desse sonho.

Agradeço também ao Partido dos Trabalhadores (P.T), principalmente ao ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, e ao ex-ministro da educação **TARSO FERNANDO HERZ GENRO**, pela criação do maravilhoso Programa Universidade para Todos, à qual eu sou bolsista integral. Se não fosse por vocês, eu não estaria, de maneira nenhuma, terminando esse curso superior. De maneira nenhuma.

EPÍGRAFE

**☧**

“In hoc signun vinces”

22Ao ver Balaão partir, a ira do SENHOR se inflamou e o Anjo do SENHOR parou ma estrada para impedi-lo de passar. Balaão estava montado na sua jumenta e seus dois servos o acompanhavam. 27Vendo o Anjo do SENHOR, a jumenta caiu debaixo de Balaão. Este ficou furioso e começou a espancar a jumenta com um bastão. 28Então Deus abriu a boca da jumenta e ela disse a Balaão: “O que foi que eu fiz, para você me espancar três vezes?” 29ª essa pergunta Balaão respondeu “É porque você está[a caçoando de mim.[...]”.

31 [Então](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/ML.HTM) Deus [abriu](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/15F.HTM) os [olhos](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/11F.HTM) de [Balaão](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/6HM.HTM), e ele [viu](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/VV.HTM) o [Anjo](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1SW.HTM) de [Javé](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NJ.HTM) [parado](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/4BO.HTM) na [estrada](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/6WZ.HTM), com a [espada](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/140.HTM) [desembainhada](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/6AM.HTM) na [mão](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/13R.HTM). [Então](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/ML.HTM) [Balaão](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/6HM.HTM) se [prostrou](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1VC.HTM) com o [rosto](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/13H.HTM) por [terra](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/K9.HTM). 32 E o [Anjo](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1SW.HTM) de [Javé](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NJ.HTM) lhe [disse](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/VR.HTM): “Por [que](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1X.HTM) [você](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/L2.HTM) [está](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NG.HTM) [espancando](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/700.HTM) asua [jumenta](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/3FO.HTM) pela [terceira](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/3IC.HTM) [vez](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/24.HTM)? Eu [vim](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/2QB.HTM) para [impedi](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/6ZP.HTM)-lo de [passar](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1XU.HTM), [porque](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NU.HTM) [você](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/L2.HTM) [está](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NG.HTM) [seguindo](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/570.HTM) o [mau](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/192.HTM) [caminho](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/2K.HTM). 33 A [jumenta](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/3FO.HTM) me [viu](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/VV.HTM) e se [afastou](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/35Y.HTM) de mim [três](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/19E.HTM) [vezes](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/IU.HTM). Se ela [não](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/59.HTM) se [tivesse](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/2R9.HTM) [desviado](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/701.HTM), eu [já](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/TN.HTM)[teria](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/2MN.HTM) [matado](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/702.HTM) [você](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/L2.HTM), [deixando](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1L7.HTM)-a [viva](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/13U.HTM)”. 34 [Balaão](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/6HM.HTM) [respondeu](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/117.HTM) ao [Anjo](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1SW.HTM) de [Javé](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NJ.HTM): «[Pequei](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/4BB.HTM), [porque](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/NU.HTM) [não](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/59.HTM) [sabia](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/2HE.HTM) [que](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1X.HTM) [estavas](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/703.HTM) no [caminho](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/2K.HTM), [diante](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/LX.HTM) de mim! [Mas](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/5C.HTM), se [isso](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/74.HTM) te [desagrada](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/704.HTM), [voltarei](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1W4.HTM) para [casa](http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/1JV.HTM)”

**RESUMO**

O objetivo desse trabalho é, além de figurar o início da patrística, aprofundar a concepção da palavra grega “*logos”* em um dos primeiros Santos do período; São Justino de Roma. Deseja-se com esse despertar o interesse ao estudo do período da patrística, visto que pouco se pesquisa sobre, com relação a outros períodos da história da filosofia. Será aprofundada a concepção da palavra *logos* em alguns filósofos gregos, na Bíblia e no próprio autor, a fim de que se compreenda integralmente como se utiliza do conceito para embasar o cristianismo. Conclui-se que Justino, observando as discussões promovidas pelos mesmos filósofos, interpreta que esse *logos,* que os mesmos discorriam, é Jesus Cristo. Para a elaboração desse trabalho, foi utilizada a obra do autor (Apologias I) além de artigos científicos, livros, documentos da Igreja a fim de fornecer uma sólida referência que dê embasamento a tudo que será exposto.

Palavras-chave: São Justino. *Logos*. Patrística. Cristianismo. Bíblia.

**ABSTRACT**

The objective of this work is, besides showing the beginning of the patristic, to deepen the conception of the Greek word "*logos*" in one of the first Saints of the period; St. Justin of Rome. This work wants to arouse interest in the study of the period of patristics, since there is little research on, in relation to other periods in the history of philosophy. The concept of the word logos will be deepened in some Greek philosophers, in the Bible and in the author himself, in order to fully understand how one uses the concept to support Christianity. It is concluded that Justino, observing the discussions promoted by the same philosophers, interprets that these logos, which they discussed, is Jesus Christ. For the preparation of this work, the author's work (Apologies I) was used in addition to scientific articles, books, Church documents in order to provide a solid reference that supports all that will be exposed.

Keywords: Saint Justin. Logos. Patristic. Christianity. Bible.

**RESUMEN**

El objetivo de este trabajo es, además de figurar el inicio de la patrística, profundizar la concepción de la palabra griega "*logos*" en uno de los primeros Santos del período; San Justino de Roma. Se desea con ese despertar el interés al estudio del período de la patrística, ya que poco se investiga sobre, con relación a otros períodos de la historia de la filosofía. Se profundizará la concepción de la palabra logos en algunos filósofos griegos, en la Biblia y en el propio autor, a fin de que se comprenda íntegramente cómo se utiliza del concepto para basar el cristianismo. Se concluye que Justino, observando las discusiones promovidas por los mismos filósofos, interpreta que ese *logos*, que los mismos discurrían, es Jesu Cristo. Para la elaboración de ese trabajo, se utilizó la obra del autor (Apologías I) además de artículos científicos, libros, documentos de la Iglesia a fin de proporcionar una sólida referencia que dé base a todo lo que será expuesto.

Palabras clave: San Justino. Logos. Patrística. Cristianismo. La Biblia.

SUMÁRIO

CONTEÚDO

[1. INTRODUÇÃO 13](#_Toc490178691)

[2. O LOGOS NA FILOSOFIA GREGA 14](#_Toc490178692)

[2.1 Heraclito de Éfeso 14](#_Toc490178693)

[2.1.1 Introdução 14](#_Toc490178694)

[2.1.2 A permanente mutação da natureza 15](#_Toc490178695)

[2.1.3 O *logos* e a luta entre contrários 16](#_Toc490178696)

[2.1.4 O fogo 18](#_Toc490178697)

[2.1.5 Conceituação 18](#_Toc490178698)

[2.2 O l*ogos* em Platão 18](#_Toc490178699)

[2.2.1 Introdução 19](#_Toc490178700)

[2.2.3 O mito e o logos 19](#_Toc490178701)

[2.2.4 A segunda navegação e o *logos* 20](#_Toc490178702)

[*2.2.5* O encontro da *arché* por meio do *lógos* 21](#_Toc490178703)

[2.2.6 A função da razão 23](#_Toc490178704)

[2.2.6 Conceituação 24](#_Toc490178705)

[3. O LOGOS NA BÍBLIA 26](#_Toc490178706)

[3.1 O livro da Sabedoria 26](#_Toc490178707)

[3.1.2 Introdução 26](#_Toc490178708)

[3.1.3 A teoria da criação do mundo segundo a Bíblia. 27](#_Toc490178709)

[3.1.4 O *logos* no livro da Sabedoria 28](#_Toc490178710)

[3.1.4 Dogmas Cristãos e prefiguração a Jesus Cristo 32](#_Toc490178711)

[3.2 O Evangelho de João 34](#_Toc490178712)

[3.2.1 Introdução 34](#_Toc490178713)

[3.2.2 O *Logos* 35](#_Toc490178714)

[3.2.3 Atributos do *logos.* 36](#_Toc490178715)

[3.2.4 Conclusão 38](#_Toc490178716)

[4. O LÓGOS EM SÃO JUSTINO. 39](#_Toc490178717)

[3.1 Introdução 39](#_Toc490178718)

[3.1.2 Datas históricas e profecias do antigo testamento. 39](#_Toc490178719)

[3.2 O *lógos* em São Justino 40](#_Toc490178720)

[3.2.1 O *lógos* antes de Cristo. 40](#_Toc490178721)

[3.2.3 A salvação por meio do *Logos* 41](#_Toc490178722)

[3.2.4 A doutrina da ressurreição 42](#_Toc490178723)

[3.2.5 Cristãos antes de Cristo. 43](#_Toc490178724)

[3.3 Conclusão 44](#_Toc490178725)

[3 Outros aspectos da primeira apologia de São Justino. 45](#_Toc490178726)

[4.1 A diferença entre Jesus Cristo e os outros profetas 45](#_Toc490178727)

[4.2 os verdadeiros cristãos 46](#_Toc490178728)

[4.3 A origem da Patrística 46](#_Toc490178729)

[4 CONSIDERAÇÕES FINAIS. 49](#_Toc490178730)

[5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 51](#_Toc490178731)

[ALVES, lira. Heráclito: o filósofo do fogo. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/quimica/heraclito-filosofo-fogo.htm.>Acesso em: 11/ 03/ 2017, as 15:50. 51](#_Toc490178732)

# INTRODUÇÃO

Justino de Roma nasceu por volta do ano 100 D.C na cidade de Siquém, na Samaria, ou Sirio-Palestina. De família pagã, iniciou sua busca pela verdade procurando na filosofia a encontrar. Passou por algumas escolas filosóficas como o estoicismo e o platonismo. Procurou, em um determinado momento os pitagóricos, mas devido as exigências que esses os fizeram, tal como aprender musica e geometria, decidiu não ingressar nesta, permanecendo no platonismo.

 Em uma de suas obras, Justino descreve como aconteceu sua conversão ao cristianismo. Ele descreve uma cena na qual conversa com um ancião que, questionando e procurando assimilar ao pensamento neoplatônico ao cristianismo, faz Justino querer conhecer os cristãos e inquietar-se com aquilo que o ancião conversou com ele. Com a conversão vieram os problemas pois sabe-se que por trezentos anos, os cristãos passaram por perseguições e Justino viveu nessa época. Na sua primeira obra, “*Apologias*”, cita como os cristãos eram mortos somente pelo fato de serem chamados de “cristãos”. Procurando defender os mesmos e a fé, escreve obras procuram informar e embasar a doutrina. Nesses livros, que nos restaram dois cujo nome é “*apologias*”, que significa “*defesa*”, há riquíssimos detalhes do culto cristão primitivo e a vida dos primeiros fiéis da história da religião. Contudo, o objetivo do autor é fundamentar a religião unindo o pensamento filosófico dos gregos e hebreu com a Bíblia

 No contexto histórico de Justino, acontecia uma grande perseguição contra os cristãos, que havia começado pelo ano 60 D.C e só iria terminar por volta do ano 313 D.C. A perseguição foi em inúmeros momentos assaz feroz, e aparentava-se como uma verdadeira guerra na qual era condenado à morte vergonhosa qualquer um que se declarasse cristão. Além de acusarem esses de crimes as quais eram mortos sem direito a advogados ou respostas, eram aplicados diferentes métodos de tortura, e em público, a fim de que o grupo fosse dispersado. E é nesse contexto que a obra “*Apologias I*” é escrita: Buscando fulgurar de forma racional e utilizando a própria filosofia para denotar quem são e qual é a verdadeira doutrina e ensinamentos dos cristãos.

Justino mudou-se do Oriente Médio para Roma, lá exerceu diversas atividades como professor, advogado, escritor e filósofo, chegando a abrir uma escola onde passou a ensinar gratuitamente. Também lá, publicou livros e fez-se notório no quotidiano da capital do Império Romano. Depois de convertido, frequentava piamente a liturgia cristã primitiva, a qual descreve detalhes em seus escritos, e defende os cristãos até o fim de sua vida.

# O LOGOS NA FILOSOFIA GREGA

##  Heraclito de Éfeso

### 2.1.1 Introdução

Heráclito foi um dos primeiros Filósofos Gregos. Nasceu por volta do ano 540 A.C na cidade de Éfeso, na atual Turquia. É assaz difícil traçar uma perspectiva de quem era esse filósofo. Encontra-se em artigos e livros informações um tanto subjetivas entre si acerca dos aspectos deste homem. O que são comuns em acentuar é que ele possuía um perfil de costumes e ideias diferentes de seu tempo e sociedade. Ignorava política, que era algo primordial para o cidadão grego, e talvez fosse até avesso as práticas religiosas de seu tempo. De poucas palavras, preferia o isolamento e a simplicidade. Polêmico, questionava as práticas da republica e até sobre a conduta de seus cidadãos. Um fato denominador na vida de Heráclito conta-nos Diógenes Laércio, historiador grego do séc. II, foi quando decidiu sair da cidade não corroborando com a conduta dos gregos, numa situação em que desejavam retirar da cidade os idosos e impuros. Segundo o historiador, Heráclito Heráclito estava presente na discussão e foi muito polêmico em sua atitude.

Como se pedissem que a lei fosse imposta a eles, se omitiu porque a cidade estava depredadíssima com os costumes e mal governo, e retirando-se ao templo de Diana, jogava dados com as crianças. Ao Efesinos que estavam ao seu redor observando disse: “O que estão admirando, perversos? Não é melhor fazer isso que governar a republica com vocês? E finalmente, se afastou dos homens e se retirou para as montanhas onde viveu se mantendo de verbas. [...] [LAERCIO, 2010, p. 220]

Considerado “o filosofo obscuro”, apresenta desafiador seu pensamento por aforismos e jogos de linguagem, em uma linguagem complexa. Sabe-se que se perdeu parte de suas obras, e isso dificulta ainda mais a compreensão de seu pensamento. Inserido num contexto pré-socrático, procura definir qual a origem do universo, a “*arché*”, e desenvolve assim seu pensamento de forma lúgubre e labiríntica. Portanto, para aprofundarmo-nos na concepção do filósofo sobre o *logos*, precisamos entender basicamente os pontos centrais de sua filosofia a fim de que, contextualizando esses conceitos, consiga-se fulgurar como o entende o *logos.*

### 2.1.2 A permanente mutação da natureza

Heráclito concebe o universo como uma contínua mutação. Para ele tudo flui, nada permanece igual; a natureza, os objetos os seres humanos estão em uma constante mutação que jamais se encerra; e é próprio da natureza e de todas as coisas existentes essa mutabilidade, ou seja, a mudança é algo “natural” de todos os objetos. Dessa forma, quando se olha para algum objeto, esse aparentemente apresenta-se imóvel e inerte tal como uma pedra; engana-se quem o pensa pois não existe nada que esteja imóvel ou inerte. Isso, segundo o filósofo é uma ilusão.

Não se pode descer duas vezes para dentro do mesmo rio, e nem tocar duas vezes a mesma substancia perecedoura enquanto mantém o mesmo modo de ser, pois, pela veemência e rapidez de sua transformação, ela se dispersa e torna a congregar-se, aproxima e distancia-se. (BERGE, 1969, p. 279)

Essa famosa frase, *“Não se pode entrar no mesmo rio duas vezes”* sintetiza esse conceito de transformação permanente no pensador. A mudança ocorre sempre e sem cessar e de forma tão rápida que, se um homem acabara de banha-se num rio e nele entra novamente, já não é a mesma pessoa que a pouco era e que no mesmo rio estava, mas é um outro homem. E o mesmo se diz do rio; as águas que banhavam a esse que ali estava, certamente já haveriam passado dessarte que, quando aquele que se banhou voltasse, ainda que cinco minutos depois, as águas já haveriam passado. Sendo assim nem rio nem homem são os mesmos. Em poucas palavras, Heráclito quer mostrar-nos essa sua ideia de que todas as coisas mudam e constantemente.

### 2.1.3 O *logos* e a luta entre contrários

Além da eterna mutabilidade dos seres na natureza, e da própria natureza, Heráclito concebe ainda que existe uma grande contrariedade entre os seres na mesma, certa “luta entre contrários” e que essa também permanece incessantemente nesse estado de antagonismo, sem parar. Como se os objetos na natureza estivessem permanentemente se digladiando a fim de conseguir alcançar uma “*vitória*”. Um aparente perpétuo caos.

Sabe-se que na natureza existem coisas completamente antagônicas, tal como dia/ noite, frio/ calor, saúde/ doença, amor/ ódio etc. Como pode então a natureza funcionar em tamanha amiúde simétrica, da forma que se verifica, se, em toda parte do cosmos, existe uma diversidade imensa de objetos antagônicos, de modo que a maioria dos seres na natureza possui algo que poderia, no mesmo conjunto de seres, ser o contrário destes? Como pode a *physis* ostentar sua realeza hipnotizadora aos seres humanos se se verifica coisas tão distintas como fogo/ água, vida/ morte, rapidez/ lentidão? Segundo o pensador, tal conjunto de seres antagônicos são necessários para a permanente união e perfeição do universo, ou seja; essas diferenças possuem em si uma perfeição própria. Se não houvesse dia, não haveria noite; se não houvesse “baixo”, não haveria “cima”; se não houvesse doença, não daríamos valor à saúde; e assim por diante. Todo o conjunto de coisas antagônicas estão tão intimamente entrosadas que, observando intersubjetivamente, cada parte é importante para o funcionamento do todo. Segundo o pensador: *Àquilo que se obsta conduz à concordância, e das tendências contrárias provém a mais bela Harmonia* (BERGE, 1969, p. 239)

 É nessa constante mutabilidade dos objetos da natureza e dessa constante “luta entre opostos” que o *Logos* se manifesta; no movimento constante dos seres e da própria natureza, no eterno devir.

 É como se o *Logos* perpassasse a todos os objetos na natureza ordenando-os e não permitindo que a permanente mudança que ocorre nos seres e as diferenças que se estabelecem incessantemente em todo o universo resultasse numa autodestruição dos mesmos terminando num caos generalizado em todo o sistema, o aproximando de seu fim. O *logos* utiliza-se dessa constante mudança e aparente instabilidade, convertendo-os em uma perfeita engrenagem onde tudo é necessário para a perfeição total de todo o sistema. Desse modo, os antônimos são necessários e a aparente instabilidade é primordial para o funcionamento de tudo. O *Logos* trabalha por meio dos contrários para resultar em um mundo perfeito belo e em uma natureza que surpreende o ser humano.

Não compreendem como o discorde concorda consigo mesmo: harmonia reciprocamente tensa, como a do arco e da lira. (BERGE, 1969, p.259)

Da desordem e das coisas opostas é que surge a ordem; dos contrários é que surge a harmonia de todo o universo. Sabe-se que tal harmonia não se dá por uma coincidência, por um acidente, mas pelo *logos* está por traz de todo esse processo garantindo sua estabilidade. É como se o *logos* governasse toda essa instabilidade.

O *logos* utiliza-se de todas as coisas antagônicas disponíveis e, *imperando* sobre elas, promove uma união das mesmas e une-as todas em uma só, isto é, distribui a cada ser seu significado próprio e sua função, fazendo assim que cada parte da natureza, ainda que antagônica à outra, una-se ao todo e colabore para o funcionamento da totalidade, construindo uma engrenagem perfeita. A união que Heráclito cita, diz respeito ao entrosamento de todos os seres formando um grande conjunto na qual cada parte possui sua função. É nesse sentido que, segundo o filósofo, “todas as coisas são uma só”: é o *logos* que promove essa união. “*Se ouvirem, não a mim, mas ao logos, provarão ser sábios se admitirem que tudo é um.”* (BERGE, 1969, p.259) Todavia, o *logos* une todas as coisas sem confundir-se com essas, ou mudar, tal como elas. Ele está fora do processo, não sendo suscetível à mudança ou ao mesmo processo que realiza nos seres.

### 2.1.4 O fogo

Heráclito entende que é o fogo o primeiro motor do universo, isto é, sua *arché*, pelo fato de o fogo ser um elemento primordial para fabricação. O fogo derrete, faz mudanças e não há nada que passe pelo fogo e permaneça o mesmo, pois tudo que é exposto a esse muda de forma, derrete, muda de cor. Com fogo forja-se uma arma, se faz comida, mudam-se formas; só uma coisa não muda: O p*róprio fogo*. O *Logos* em Heráclito é comparável ao fogo; faz um efeito parecido em todos os elementos a ele expostos sem fazer em si mesmo esse mesmo efeito.

### 2.1.5 Conceituação

 Poderíamos entender assim que, o sentido que a palavra *logos*, para Heráclito de Éfeso, estaria mais voltado à palavra “*Razão*”. Contudo, não é objetivo deste trabalho chegar a uma conclusão sobre a filosofia deste pensador, somente manifestar os pontos centrais da filosofia do mesmo.

# O l*ogos* em Platão

## Introdução

 Aristócles foi um dos principais filósofos clássicos. Sua contribuição para a Filosofia e seus rumos é imensurável. Nasceu na Grécia, em Atenas por volta do ano de 428/ 427 A.C. Dês da sua juventude esteve envolvido na vida política. Segundo Aristóteles, foi discípulo de Crátilo, que por sua vez foi seguidor de Heráclito e por volta dos vinte anos, tornou-se discípulo de Sócrates. O apelido “Platão” é de origem incerta. O nome deriva da palavra grega “platôs” (*πλάτος*) que significa “amplitude”, “grandeza”, “algo grande”. Pode ter sido atribuído em referência ao seu grande conhecimento e produção.

* + 1. O retorno ao mito

Sabe-se que a filosofia surgiu quando os primeiros pensadores deixaram de pensar o mundo a partir do mito e passaram a pensar com relação ao *logos*, como uma transição onde, antes, o mito era a base do conhecimento e a fonte de todas as respostas e, a partir dos primeiros filósofos, se começa a desenvolver outra concepção de conhecimento não mais ligado ao mito, mas à razão. Platão viveu esse “*início*” da filosofia, mas aparenta uma oposição a esse movimento. Nesse momento em a filosofia já está caminhando tendo em vista a valorização do *logos*, Platão retorna ao início da filosofia, o mito, atribuindo um novo valor a esse e opondo-se, de certa forma, a tendência de supervalorização do *logos*.

Porém, esse retorno não significa que Platão valoriza o mito com relação ao *logos*, pois compreende que ambos são significativos. Para Platão, o mito é como uma maneira que o homem encontrou de explicar a sua origem e a ordem do mundo; uma forma de resolver questões que estão fora de seu alcance, e que são mistérios.

### O mito e o logos

Deve-se pontuar que muito dos mitos que Platão usa em sua obra são diferentes dos da mitologia grega. Os mitos do filósofo, além de ser uma forma de explicar o seu pensamento, desejam levar o leitor, pela razão e ao mesmo tempo pela fé, a explicação do tema que se discorre. É um mito que, ao mesmo tempo que pretende levar o leitor a ponderar sobre realidades transcendentais, leva também à reflexão de problemas imanentes e a sua própria *desmitificação*. Podemos encontrar um exemplo no Fédon acerca disso. Platão, após discorrer sobre um mito que explica o que ocorre com as almas no além, afirma como chegou nessas conclusões, além de praticamente *desmitificar* o mito e pô-lo em dúvida.

Entretanto, pretender que essas coisas sejam na realidade exatamente como as descrevi, eis o que não será próprio de um homem de bom senso! Mas crer que é uma coisa semelhante ao que se dá com nossas almas e o seu destino, porque a alma é evidentemente imortal, eis uma opinião que me parece boa e digna de confiança. (Platão, 199?, p. 95)

Pode-se afirmar que essa concepção platônica de *mito* e *logos* pode ser entendida como uma “*continua troca*”, uma “*via de mão dupla*”: O mito se vale do Logos e o Logos leva ao mito. O homem utiliza-se de sua razão para resolver problemas quotidianos entre outros e, procurando responder a questões profundas e complexas, pode utilizar os extremos de sua razão e, não encontrando as devidas respostas, passa a transcender criando assim os mitos. Dessa forma, o mito é resultado de uma observação da realidade com objetivo de explica-la racionalmente. O mito existe pela ação do *logos*, ao passo que o mito se mantém tendo como base o próprio *logos* e a sua observação da realidade: Uma contínua tensão onde não há um vencedor ou aquele que ganha mais destaque.

Pode-se entender que, para Platão, não existe uma *primazia* do *logos* ao mito ou ao contrário. Ambos são relevantes e denotam a preocupação do homem em explicar a sua realidade.

### A segunda navegação e o *logos*

A primeira navegação, foi o momento da filosofia em que tentou-se explicar as causas da natureza por meio dos próprios elementos da natureza. A segunda navegação procura da mesma forma, encontrar as causas da contínua engrenagem do mundo, todavia, não nos elementos desse mundo, mas num outro, numa outra realidade extrínseca a esse mundo. Enquanto, na primeira navegação, os filósofos requestravam a *arché* nos elementos sensíveis, por meio da sensibilidade e dos sentidos (visão, tato, olfato), na segunda, essa busca granjeia-se através do intelecto.

Me pareceu então - disse ele -, depois disso, uma vez que tenho deixado de examinar as coisas, que devia precaver me para não sofrer o que os que observam o sol durante um eclipse sofrem na sua observação. Pois alguns chegam a perder a vista a não ser que pela água ou em algum outro meio semelhante contemplem a imagem do sol. Eu pensei então algo assim e senti medo de deixar-me completamente cego de alma ao olhar as coisas diretamente com os olhos e intentar capta-las com todos os meus sentidos (Platão, 1986, p. 108)

Na segunda navegação, se alcança aclaração para o quase imbróglio problema da *arché* por meio do pensamento, não mais por entre os elementos da *physis* (*Φysis)*.

Como foi exposto, a filosofia surgiu como procura de uma *arché*. Os filósofos naturalistas, que foram os primeiros, forcejavam-se em explicar essa arché pelos próprios elementos da natureza, como água, fogo, o ar, entre outros. Contudo, esses elementos já se encontram na natureza e fazem parte dela. Sendo assim, como poderiam esses elementos, que constituem a natureza, serem o princípio dessa mesma? Não será que a natureza possui princípios extrínsecos a ela e aquilo que originou o mundo não estaria fora do mesmo? Esses elementos presentes na *physis* podem ser considerados causas ou “concausas” de um primeiro Gerador?

### O encontro da *arché* por meio do *lógos*

Considerando que sim, ou seja, que o princípio da natureza não esteja presente na mesma, não pode ser pela sensibilidade que se pode o auferir, mas por meio do *logos*, pela razão é que se pode o depreender.

A causa dos fenômenos que ocorrem nos objetos presentes na natureza é, majoritariamente, extrínseca aos mesmos: Um carro não se põe em movimento por si só, a não ser que alguém o ligue; da mesma forma, esse não passa a funcionar se não possuir um sistema de ignição feito por alguém. Um violão por si só, não vibra suas cordas a fim de montar acordes em harmonia; precisa que alguém o faça para realizar a execução de uma música. O próprio violão é uma construção humana. Alguém – que não é outro violão – cria, constrói um violão. Certamente a natureza não iria montar, sem auxílio do homem, um instrumento musical ou uma garrafa de café. É assim que Platão chega às conclusões fundamentais de sua metafísica.

Giovanni Reale (1990, p.135) exemplifica de maneira súpera a compreensão de Platão acerca da existência de causas *metafísicas* para efeitos *físicos* pontuando o caso da condenação de Sócrates. Qual motivo de Sócrates estar preso? Será a articulação de seus membros inferiores e o afrouxamento de seus nervos que o conduziu até o cárcere e se mantiveram imóveis aí, ou uma ordem sancionada por um poder e aceitada pelo próprio Sócrates? De fato, Sócrates permaneceu preso por obedecer à uma ordem extrínseca a ele mesmo. Com esse exemplo, fica evidente como na visão platônica, a *arché* não se encontra na *physis e* a essa se chega por meio do *logos*; é a partir do *logos* que se percebe a sua existência. O próprio conceito platônico é, obviamente, uma reflexão lógica do mundo e seus fenômenos.

 Pareceu-me aconselhável acolher-me ao pensamento, para nele contemplar a verdadeira natureza das coisas. É muito provável que minha comparação claudique um pouco, pois estou longe de admitir que quem considera as coisas por meio do pensamento só contemple suas imagens, o que não se dá com que as vê na realidade. De qualquer modo, meu caminho foi esse. Em cada caso particular, parto sempre do princípio que se me afigura mais forte, considerando verdadeiro o que com ele concorda, ou se trate de causas ou do que for, e como falso o que não afina com ele. (PLATÃO, 19??, p.43)

Geovanni Reale apresenta em seu livro, História da Filosofia, uma outra tradução do mesmo trecho do diálogo Fédon, utilizado acima, e que se servirá para facilitar a compreensão dos conceitos do Filósofo, a fim de tornar esse trabalho mais significativo. Preferiu-se apresentar ambas citações para fornecer embasamento sólido acerca do assunto que se trabalha.

Tive medo de que minha alma se tornasse completamente cega olhando as coisas com os olhos e buscando capta-las com cada um dos outros sentidos. Por isso, achei necessário refugiar-me nos raciocínios (*logoi*) para neles considerar a veracidade das coisas (...) seja como for, encaminhei-me nessa direção e, a cada vez, tomando por base o raciocínio que me parece mais sólido, julgo verdadeiro o que com ele concorda, tanto em relação às causas como no que se refere a outras coisas, considerando como não verdadeiro o que com ele não concorda” (REALE , 1990 apud PLATÃO; 199?, p.84)

Em ambas as traduções se percebe a importância dada pelo filósofo ao pensamento racional, ao raciocínio. Como já exposto na citação, os objetos sensíveis podem ser conhecidos por meio dos sentidos como o olfato, a visão ou paladar. Contudo, como os sentidos podem nos enganar, Platão procura refugiar-se na razão (*lógos*), para explicar a *arché* e, no diálogo Fédon, os acontecimentos com a alma pós-morte.

### A função da razão

Platão reconhece que a razão possui uma função e que essa é diferente a da sensibilidade. A função da sensibilidade é basicamente captar a existência empírica dos objetos na natureza por meio do tato, visão, etc. A razão por sua vez tem, por um dos seus inúmeros objetivos, refletir e fazer relações com os dados recebidos pela sensibilidade a fim de que o homem “*viva bem*”, ou seja; se a sensibilidade percebe um animal vindo à direção de alguém, a razão recebe essa informação e, refletindo sobre ela, chega à conclusão que pode ser perigoso continuar parado. É nesse sentido que a razão faz relações com os dados recebidos pela sensibilidade a fim de que o homem “*viva bem*”. Também é função da razão ponderar sobre questões metafísicas. Para Platão, os sentidos podem nos enganar e a natureza se mantém em contínua mudança; assim, é mais seguro confiar no *logos*, pois valores, sentimentos e conceitos, que não são empíricos mas acordados entre os homens, ao qual somente pela razão se pode entender, permanecem por longo tempo e são pela própria razão estabelecidos.

Um rio está sempre em contínua mudança, mas as leis não. O vento hora passa, hora para, mas o conceito de beleza não está em contínua mudança. Aquelas coisas que são captadas pela sensibilidade estão em constante mudança ao passo que aquelas coisas que são captadas pelo *logos* não são suscetíveis de mudança constante. Por isso é mais seguro confiar no *logos*.

E não é certo também que todas essas coisas se podem ver e tocar ou perceber por intermédio de qualquer outro sentido, ao passo que as essências, que se conservam sempre iguais a si mesmas, só podem ser apreendidas pelo raciocínio, por serem todas elas invisíveis e estarem fora do alcance da visão?

-O que dizes, observou, é a pura verdade.

 - Achas, então, perguntou, que podemos admitir duas espécies de coisas: umas visíveis e outras invisíveis?

-Podemos, respondeu.

-Sendo que as invisíveis são sempre idênticas a si mesmas, e as visíveis, o contrário disso?

-Admitamos também esse ponto, respondeu.

(PLATÃO, 19??, p. 25)

### 2.2.6 Conceituação

Tendo em vista tudo que foi discutido até agora sobre o pensamento platônico, pode-se concluir que a palavra *logo*s em Platão, nos diálogos Górgias e Fédon, pode ser traduzido por “*razão*” “*racionalidade*”.

**EPÍGRAFE**

**☧**

“In hoc signun vinces”

# O LOGOS NA BÍBLIA

##  O livro da Sabedoria

## Introdução

Com a diáspora após e durante o período dos exílios que sofreram, os judeus habitaram em diferentes locais do Oriente Médio que não somente a região do Levante. Passando-se os anos, grafaram-se diversos documentos religiosos, como a Talmude e os livros proféticos da Bíblia, com o unanime objetivo de manter a identidade judaica fora da sua Terra. Não foram poucos os livros escritos sobre religião judaica na antiguidade.

Instaurou-se a partir do séc. IV a.C um grande império fruto das conquistas de Alexandre o Grande, que se estendeu do Egito, passava pela mesopotâmia e pela atuais Turquia, Afeganistão e Paquistão chegando à Índia: o Império Macedônio. Passou a ser comum a toda essa região o uso da língua e os costumes gregos. É por esse motivo que alguns livros do Antigo Testamento e a totalidade do Novo foram escritos em grego.

 Há apenas um século antes de Cristo, inserido nessa realidade, no Egito, um autor desconhecido escreve um livro chamado "Sabedoria".

Em razão de não se encontrar no Canon Bíblico Palestino, verossimilmente, fora esse livro em Alexandria compilado, e conjuntamente pelo fato de compor a Septuaginta é que pode-se o inferir. No site da Conferencia Nacional dos Bispos dos Estados Unidos (*United States Conference of Catholic Bishops*), há um artigo sobre o livro asseverando que, além desse livro ter sido escrito em grego, uma das finalidades desse é demonstrar aos habitantes de Alexandria que a sabedoria, que era fulgurada por meio do advento de incomensuráveis escolas filosóficas Helenistas, supervalorizando-a, consiste em seguir os mandamentos de Deus e a vida reta e não abandonar o judaísmo, posto que haviam perseguições, as vezes abertas, conforme nos diz a introdução a esse livro na Bíblia Sagrada edição Pastoral. Ainda segundo o site, o livro deseja ressignificar a palavra, proclamando que sabedoria é viver segundo os planos e preceitos de Deus, não abandonando a Sua Religião e nem os bons costumes Hebreus.

O cânon apresentado pela Septuaginta foi, e a respeito disso debate-se com fervura entre as contemporâneas ramificações do cristianismo, seja para corroborar ou contradizer, àquele cujo os discípulos de Cristo tiveram contato e, fatalmente, os primeiros cristãos do séc. I e II d.C, como Justino. Colige-se que, pelo fato desse ser na língua grega grafado, fora mais divulgado, e lido, que o cânon palestino pois, além dos fatos já descritos acerca da defluência da língua e costumes gregos, não é exíguo que as Igrejas cristãs milenares e tradicionais o aderiram, como a Igreja Ortodoxa Bizantina; Igreja Ortodoxa Etíope, Igreja Ortodoxa Copta; Igreja Assíria do Oriente e Igreja Católica Romana. As Bíblias dessas Igrejas seguem, substancialmente, a orientação do cânon proposto na versão Septuaginta.

Não arreda-se da discussão sobre o logos, a Bíblia. A versão Septuaginta apresenta, como visto, aspectos do período Helenísticos e, ainda que superficialmente, discussões filosóficas da época, principalmente entre os livros Deuterocanônicos. Esses são impactados pela cultura e pensamento grego e o livro da Sabedoria é um exemplo que ratifica tal afirmação; e é sobre este livro se aprofundará a seguir.

## 3.1.3 A teoria da criação do mundo segundo a Bíblia.

Afirma a Bíblia que o mundo foi por Deus criado; foi Ele o arquiteto que o ponderou, elaborou e o finalizou em sua totalidade, com regras, leis e toda a perfeição (Bíblia, Genesis 2, 1-2). Durante a criação, Deus não *tocou* (empiricamente falando) em algum material ferramenta ou objeto que, nessa empreitada, o auxiliasse (BÍBLIA, Genesis 1; 3, 6-7, 9, 11 –12); todavia, trabalhou de maneira intrínseca nela como construtor direto, Engenheiro e Arquiteto, ao passo que, enquanto desempenhava tais funções era, ao mesmo tempo, como um *espectador-examinador* (Bíblia, Genesis 1; 10, 12, 18, 25), visto que a Bíblia não relata que Ele estava em meio à edificação do mundo, nada obstante tende à conclusão de que não nimiamente *à distância desse* permanecia*,* pois observava de perto o desenvolvimento da obra.

Diferentemente de um conjunto de operários que, para obrar um prédio, dispõem-se de ferramentas como pá e martelo, além de permanecerem, enquanto as obras perdurarem, no canteiro de obras e trabalharem os ferros, a massa e acompanharem quotidianamente o desenvolvimento das obras, não se utilizou Deus de alguma ferramenta, muito menos "*dentro da construção*" quedar fisicamente precisou enquanto essa prolongava-se. Foi um *trabalhador* pois Ele criava, e ao mesmo tempo *espectador*, pois Ele dessa obra observava o resultado. Relatado está no Genesis que Deus apenas estabelecia as ordens e imediatamente essas materializavam-se magnificentemente, tornando-se fato.

## 3.1.4 O *logos* no livro da Sabedoria

#### 3.1.4.1 A Criação do universo por meio do logos.

 Não obstante, para que o universo fosse criado e os fenômenos propostos se realizassem, foi vital que Deus verbalizasse o que desejava. Pontua o livro da Sabedoria que Deus originou o universo por meio do *logos* (palavra), uma vez que unicamente a datar do momento que é o *logos* proferido acontece o fenômeno ordenado por Deus. Quando algo Ele preceituava para o prosseguimento da grande façanha, proferia o *logos* (proferia a palavra) e, em seguida, determinado evento sobrenaturalmente, por obediência ao *logos* de Deus, realidade tornava-se.

Segundo o livro, apenas com as Suas palavras, isto é, por Suas ordens, a totalidade dos elementos do universo foram feitos, demonstrando assim o poder estonteante de Deus que, não por intermédio de alguma ferramenta ou com coadjuvação de outro deus careceu para o sucesso do feito, mas unicamente através de Sua palavra é que fora criado o universo com magistral encanto: *"Deus dos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua palavra!" (*BÍBLIA, Sabedoria 9; 1*).*

Ao analisar o capítulo exposto acima, na qual afirma essa forma divina de criação, preocupou-se em observar se, na língua em que esse foi escrito, utilizou o autor outro termo para referir-se à "palavra" que não *logos*, como os termos gregos *lexis* (*λέξη*) *logia* (*λόγια*), *ríma* (*ρήμα*) *foní* (*φωνή*). Verificou-se, na versão em grego encontrada, que o termo "*logos*" foi utilizado, mudando apenas a sua estrutura para obedecer às ordens de sintaxe e gramática da língua grega:

*Θεὲ πατέρων καὶ κύριε τοῦ ἐλέους ὁ ποιήσας τὰ πάντα ἐν* ***λόγῳ σου****1* (SEPTUAGINTA, 2006, p.1101)

 Nesse sentido, "*logos"* significa "*palavra*".

#### 3.1.4.2 O logos e a sophia.

Duas importantes observações há de se destacar no livro da Sabedoria: a primeira é acerca da criação do homem e a segunda acerca de algumas importantes características da criação do universo.

Sobre a primeira, o livro faz, como foi exposto acima, referência ao primeiro capítulo do Gênesis, afirmando que, por meio do *logos*, Deus criou o mundo. Porém, Deus não se valeu, ao criar o homem, do *logos,* como fizera com a totalidade do cosmos. No entanto, ao encerrar o feito, concluiu que seria aprazível, e benfazejo para a criação, inserir nela um ser vivente e, na geração deste, Deus utilizou a Sabedoria, e as *próprias mãos*. (BÍBLIA, Genesis 2; 7).

Note-se que todos os outros seres vivos que existem na natureza foram criados identicamente aos outros objetos da natureza, isto é, por meio de *logos*; apenas o homem foi criado pelas *Mãos de Deus*. Dessarte, segundo o livro, se foi por meio do *logos* que Deus criou o universo, foi por meio de Sua Sabedoria que Ele formou o Ser Humano. *"..e por tua Sabedoria formaste o homem para ser senhor das criaturas que fizeste"* (BÍBLIA, Sabedoria 9; 2)

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1 Procurou-se a tradução desse mesmo trecho em Bíblias diferentes, na qual expor-se-á a seguir. Na Bíblia LEB, edições Loyola: *“Deus dos pais e Senhor de misericórdia, que Fizeste o universo com tua palavra 2e por tua Sabedoria formaste o homem para ser senhor das criaturas que fizeste* [...] (BÍBLIA: Mensagem de Deus. São Paulo: Loyola, 1983. 1846 p.). Na Bíblia Edição Pastoral, da editora Paulus; *"Deus dos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua palavra!"* (BÍBLIA, Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 2013. 1584 p.). Na Bíblia *New Jerusalem*: "'*God of our ancestors,* [*Lord*](http://www.catholic.org/encyclopedia/view.php?id=5217) *of mercy, who by your word have made the universe,2 and in your* [*wisdom*](http://www.catholic.org/bible/book.php?id=27) *have fitted human beings to rule the creatures that you have made,*´[...] " (NEW JERUSALEM BIBLE. E.U.A. 1990. (Disponível em: <http://www.catholic.org/bible/book.php?id=27&bible_chapter=9>. Acesso em 28/ 06/ 2017.). Conclui-se que *logos* nesse trecho é, majoritariamente, compreendido como "palavra", tanto pelo autor original, como pelos tradutores.

de maneira amiúde. Para empreender o mundo, Deus quis fazer uso do *logos,* como visto, para manifestar as Suas ordens; todavia durante a criação, antes de proferir o *logos*, a Sabedoria de Deus ocupava-se no planejamento da obra. O Livro pontua que, nesse momento, estavam presentes o *Logos* e a Sabedoria de Deus e, a partir da proclamação do *logos*, por Deus, materializava-se o desejado; contudo se Deus, em sua magnificência, não recorresse à Sua descomunal Sabedoria antes de ordenar um comando no *logos*, aventurar-se-ia de este, proferido no *logos,* gerar fenômenos imperfeitos na *physis* ou no universo, o que não procedeu. "*De fato, ela é iniciada na ciência de Deus e* ***seleciona*** *as obras Dele." (BÍBLIA, Sabedoria 8; 4. Grifo nosso)* Sendo assim*, o logos* é resultância da grande Sabedoria de Deus, que arquitetou a obra conforme a Sua predileção, antes de proferir, no *logos, as* ordens.

#### 3.1.4.4 A Sabedoria

A Sabedoria perpassa a natureza e todos os objetos dispostos nela, como os elementos químicos, as leis da física e o próprio Homem. A Sabedoria está a *costurar* todo o universo transpassando toda realidade e a ordenando. *"Mais que todo movimento, a Sabedoria é móvel: atravessa e penetra tudo por sua pureza. L.E.D. 7; 24"* Contudo, a Sabedoria de Deus não é algo "com Deus" como um elemento ou um Ser separado de Deus no qual Deus precise se valer, até porque Deus não pode precisar de nada, visto que isso denotaria sua imperfeição, mas é algo *em Deus*, pertencente à Ele e é uma de suas características. A Sabedoria paira no universo do seguinte modo: Ao criar o mundo, Deus organizou as leis da física e da natureza; assim, ao observar a natureza e constatar como ela funciona perfeitamente, observa-se aí a presença da Sabedoria Divina. A Sabedoria de Deus ordena todo o universo mantendo-o em amiúde harmonia, contudo, não se confunde com esse e não perde Sua essência. "*Embora sendo única, ela tudo pode. Permanece sempre a mesma mas renova tudo* [...]" 7; 27 PASTORAL. O Homem, ao se comunicar com o outro por meio de um idioma, demonstra a atuação da Sabedoria Divina, que o dotou de inteligência suficiente para fazer diversas coisas extraordinárias, como montar uma língua: *"E em seu poder estamos nós, as nossas palavras, a nossa inteligência e as nossas habilidades 7; 16 PASTORAL"*. Tudo que existe demonstra sabedoria, do homem ou de Deus, ou seja, Ela está em tudo. Além de todos esses atributos, o livro afirma que a Sabedoria governa todo o universo, e é responsável pela sua contínua manutenção. A Sabedoria, com visto, não está empiricamente nos objetos do universo, na natureza, mas esses são como que perpassados constantemente por Ela. É Ela que governa todo o cosmos mantendo-o em perfeito funcionamento: “*colapso "Ela se estendo vigorosamente de um extremo a outro, e governa retamente o universo.”* BÍBLIA, Sabedoria 8; 1". Note-se de passagem, a grande semelhança entre a concepção Bíblica de “*sabedoria”*, e a concepção de *logos* em Heráclito de Éfeso.

#### 3.1.4.5 A Salvação Do Homem

 Como visto na introdução, sob um cenário de escolas filosóficas helênicas, provavelmente o propósito do livro fosse identificar que a sabedoria cultivada em Alexandria e em todo mundo helênico não era excepcionalmente a filosofia grega e os costumes egípcios, mas a religião hebraica e àquelas coisas que vem de Deus. A Sabedoria está em Deus; Ele é a fonte de toda a Sabedoria. Ele possui toda a Sabedoria para fazer com perfeição qualquer coisa, e colocou no Homem um nível de Sabedoria para que vivesse bem; governasse o mundo e, principalmente, para que buscasse à Ele, autor da Sabedoria.

 [...] e por tua Sabedoria formaste o homem para ser senhor das criaturas que fizeste, governar o mundo com santidade e exercer com retidão o seu domínio [...] BÍBLIA, Sabedoria 9; 2 – 3.

É também a Sabedoria é uma forma do homem alcançar a Deus e de agradá-lo, pois infundiu Deus no homem a Sabedoria para que A usasse, e disso Ele se agrada. É da mesma forma, caminho que o homem trilha para que, após a vida nesse mundo, viva com Deus eternamente; ou seja, o livro figura de que forma pode o homem pode agradar a Deus, se salvar ou condenar-se. Como Deus colocou no homem a Sabedoria, Ele pode se salvar através de seu uso.

 18O amor é a observância das leis da Sabedoria. Por sua vez, a observância das leis é garantia de imortalidade. 19 e a imortalidade faz com que a pessoa fique perto de Deus. (BÍBLIA, Sabedoria 6; 18 – 19).

 Deus ama quem usa a Sabedoria e quem deseja possuí-la (BÍBLIA, Sabedoria 6, 12 – 13) Ela se dá com facilidade. É benéfico que A queiram as pessoas e assim ganharão a amizade de Deus. (BÍBLIA, Sabedoria 7; 14), e Deus acolherá as almas das pessoas que, no mundo, viveram com sabedoria e, com Ele, viverão eternamente uma vida de prazer e gozo eterno. "*13Por ela alcançarei a imortalidade e deixarei eterna lembrança aos pósteros*." (BÍBLIA, Sabedoria 8; 13)

#### 3.1.4.6 No que Consiste a Sabedoria?

Para se salvar, é necessário que o homem esteja disposto à encontrar a Sabedoria e que se deixe por Ela guiar, vivendo à Sua luz. Assaz elementos, procedimentos e atitudes compõem tal conceito de Sabedoria, como a ânsia de conhecer (BÍBLIA, Sabedoria 6; 17); a justiça e a prática da mesma (BÍBLIA, Sabedoria 3; 1) e a ponderancia (6; 15). Em suma, viver retamente é viver com Sabedoria, e nisso consiste abnegar o pecado (BÍBLIA, Sabedoria 6; 15), que, por sua vez abrange-se em se afastar do mal e da blasfema (BÍBLIA, Sabedoria 1; 6), jamais humilhar pobres e menosprezar pessoas justas (BÍBLIA, Sabedoria 5; 4-5), afastar-se de orgias e paixões corporais, entre outros atos que se afastam dos bons costumes (BÍBLIA, Sabedoria1; 16. 2; 1- 22).

## 3.1.4 Dogmas Cristãos e prefiguração a Jesus Cristo

Pode-se considerar que há no livro, passagens em que afirma-se a existência, em Deus e não separado d'Ele, de um Ser3, e essas passagens merecem uma atenção especial, que num extenso livro resultaria. O objetivo de brevemente analisar essas, consiste em depreender como posteriormente puderam as associar à eventos no Novo Testamento além serem, com base em nessas e outras, debatidos e promulgados os principais dogmas que formaram o cristianismo4.

­­­­­­­­­­­­­­­­­­­\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

3 Para elaboração desse trabalho, entrou-se em conflito ao ler algumas passagens do livro, e que parecem, entre tantos outros, prefigurar a vinda de alguém. O conflito é: Essas passagens que aparecem prefigurar o Messias estão, de fato, falando da existência de alguém com Deus ou estão apenas fazendo uma adaptação para que o leitor entenda melhor? E ainda mais, essas passagens estão ou não discorrendo acerca da Santíssima Trindade? Procurou-se analisar tais neutramente, sem fazer juízos de valor. As passagens mais relevantes são as seguintes:

Alusão à Jesus Cristo em Sb 8; 1. Afirmação da existência do Espírito Santo em Sb 7; 22. O Dogma da Santíssima Trindade introvertido em Sb 7;17. Concepção de existência de um Ser que estava com Deus, mas não era separado d'Ele, e o auxiliou no momento da criação em Sb 9; 9.

4O livro afirma que, embora a Sabedoria de Deus não esteja separada d'Ele, Ela está com Ele (BÍBLIA, Sabedoria 9; 9 – 11) Chama a Sabedoria de "espírito santo" e afirma que este foi enviado pelos séculos. Essas passagens foram importantes para os cristãos que viriam posteriormente buscar na Bíblia, fundamentação para seus os dogmas.

## 3.2 O Evangelho de João

### 3.2.1 Introdução

 Os Evangelhos são os livros da Bíblia que narram os fatos mais importantes da vida de Jesus. Eles são os livros principais do Novo Testamento, e orientam toda ordem de escritos religiosos desta parte da Bíblia. Todavia, não foram os Evangelhos escritos durante a vida de Cristo, mas, pelo contrário, a sua compilação iniciou-se por volta de uma década e meia após a Sua assunção. Isso se dá porque o objetivo primeiro do Cristianismo era a pregação oral dos fatos relevantes da vida de Jesus, pregação que estabeleceu uma Tradição. Somente muito depois é que se preocuparam em escrever esses fatos e por isso a distancia de tempo entre a escrita dos Evangelhos e a vida de Cristo.

 O Evangelho que aprofunda a concepção de *logos* é o atribuído ao Apóstolo João. Esse enfoca realidades cujo os outros evangelhos deixam de lado. Enquanto os evangelhos sinóticos preocupam-se em fundamentar Jesus a partir das Escrituras Judaicas, como o de Matheus por exemplo, João preocupa-se em buscar a natureza de Jesus. O livro está escrito em volta da seguinte pergunta: “Quem é Jesus de fato?”.

 A comparação existente no prólogo do evangelho direciona todo o tema da obra. João vale-se da palavra grega *logos* para iniciar a obra e explicar a natureza de Jesus Cristo. Como se viu, a palavra grega foi responsável por inúmeras discussões e possivelmente era ainda no momento e na região em que este Evangelho foi escrito, fruto da herança Helênica. Procurando fundamentar a opção joanina de identificar Jesus como o *logos*, as fontes pesquisadas para esse trabalho divergem. Há aquelas que dizem que João teve acesso à versão Septuaginta do Antigo Testamento, e por isso descreveu Jesus como tal, utilizando as mesmas palavras gregas que a septuaginta se vale. Há aquelas fontes que reconhecem desconhecer a posição do evangelista em utilizar essa palavra e há àquelas que se baseiam nas dominações de Alexandre Magno que difundiu a cultura e a língua grega também para a região do Oriente Médio, para fundamentar o uso do termo pelo evangelista. Além de todas essas hipóteses, há a possibilidade de o *logos* ser um tema ainda muito debatido e não se pode desconsiderar os trabalhos notáveis de Filo de Alexandria, contemporâneo a Jesus e ao Evangelista, sobre o tema e que fora utilizado posteriormente pelos escritores da patrística. Pode-se afirmar, contudo, que João certamente não utilizou a presente expressão sem nenhum motivo, ou seja, como corriqueiramente se diz, “*de* *graça”.*

 Procurar-se-á compreender o conceito de *logos* presente no Evangelho de João e examinar a lógica que o autor utilizou para concluir as verdades de fé que geraram os principais dogmas do cristianismo e que, da mesma forma, foram responsáveis por séculos de embates teológicos.

### 3.2.2 O *Logos*

 O Evangelho de João inicia categoricamente. As frases no seu prólogo estão dispostas em ordem hermeticamente pensadas e orientam o tema na qual o evangelho irá se aprofundar, como visto acima. O *logos*, que foi produto de discussões e conceitos filosóficos por séculos, aqui ganha outro significado. João identifica-o como sendo Jesus Cristo; Ele é o verdadeiro *logos* da qual falavam os filósofos.

As atribuições que se dá ao *logos* no primeiro capítulo livro, são muito profundas e exigiriam enormes textos e ao mesmo tempo são muito claras e de fácil entendimento, sendo difícil explicá-las, dada a sua facilidade. Segundo esse Evangelho, o *logos* não foi criado, pois ele sempre existiu; ele é atemporal. Foi o *logos* que criou o universo. Deus para criar o mundo, utilizou o *logos* e nada do que existe na natureza escapa da ação criadora do *logos*. Além de Deus utilizar o *logos* para criar o mundo, o Evangelista afirma que o *logos* era o próprio Deus. Deus não somente cria o mundo através do *logos*, isso é, pela sua palavra, mas o próprio Deus é o *logos*; a palavra criadora e a racional que criou o universo em toda sua perfeição e vitalidade. Sendo assim, o *logos* é Deus, pois Deus é a *razão em si e por si* e a própria Palavra que criou o universo. “*No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus e a Palavra era Deus*” Jo. 1, 1.

É importante perceber que o *logos* não somente *era* Deus, mas *estava* com Deus. Por esse motivo, o *logos* permaneceu junto d’Ele dês da eternidade até o momento em que Deus o manifestou à Humanidade, na pessoa de Jesus Cristo. O nascimento de Jesus Cristo é a personificação, a materialização do *logos* eterno numa pessoa humana. O *logos* não permaneceu no plano transcendente, mas visitou o gênero humano na pessoa de Jesus; o *logos* divino feito homem. “*E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória* [...]” Jo. 1, 14.

### 3.2.3 Atributos do *logos.*

O livro de João atribui inúmeras qualidades à Jesus-*logos* naqualdiscorreremos em seguida a cerca de alguma dessas.

 O *logos* é caracterizado como luz. Essa metonímia procura figurar que os preceitos que o *logos* propõe são verdadeiros com relação às Escrituras e dignos de fé, pois são como uma luz na “escuridão” das outras religiões contemporâneas.

 “6Apareceu um homem enviado por Deus, que se chamava João. 7Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. 8Ele não era a luz, mas apenas a testemunha da luz. 9A luz verdadeira, aquela que ilumina todo o homem, estava chegando ao mundo. Jo. 1, 6 – 9.

Enviado de Deus para os homens, a luz que o *logos* possui orienta esses que vivem na escuridão para que, a partir da sua vinda à Terra, possam caminhar retamente e na verdadeira doutrina, a doutrina que o *logos* vai revelar. “Jesus continuou dizendo: *“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida”* Jo. 8, 11.

O *logos* é caracterizado como a vida. Segundo o Evangelho “*Nela* [na palavra] *estava a vida* [...]” Jo. 1, 4. A capacidade que Deus possui para criar todo o gênero de objetos e seres na natureza expressa seu poder incomensurável. A criação do gênero Humano e de todos os seres vivos do Reino *Plantae* e *Animália* demonstra o contentamento de Deus em não deixar a Criação morta, mas povoa-la de vida. A vinda do *logos* à terra não é um acerto de contas que Deus propõe para os Homens por sua má conduta, mas uma proposta de uma vida feliz e com sentido. No Evangelho de João, Jesus propõe que a vida deve ser preservada com dignidade e vivida com integralidade*: “O ladrão só vem para roubar, matar e destruir, eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundancia”* Jo. 10, 10. Também diz no capítulo 14: *“Jesus Respondeu: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao pai senão por mim.’ ”*. As propostas de Jesus dá a seus seguidores no Evangelho é de que tenham vida plena e digna aqui e depois, numa vida posterior.

Ela [a palavra], porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome. 13Esses não nasceram no sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus. Jo.1, 12 – 13

 A partir da aceitação pessoal e integral da Doutrina que *Logos* propõe, o homem torna-se filho de Deus por meio de Jesus. Convertido à fé cristã, o crente possui uma vida nova e plena a partir da obediência aos preceitos do *Logos*.

Sendo simultaneamente Deus e Homem, o Messias possuía duas naturezas. Segundo o Evangelho de João, o *Logos* já existia antes da criação existir (Jo. 1,1 *No começo a Palavra já existia* [...]), e *era* com Deus ao mesmo tempo que *estava* com Deus “[...] *a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus.”* Jo. 1, 1. O *Logos* veio à terra como uma pessoa humana (*“E a Palavra se fez homem e habitou entre nós”* Jo. 1, 14.). Seguindo esse raciocínio, o *Logos* possui duas naturezas; uma Humana e outra Divina. Enquanto esteve na Terra, o *Logos* foi Deus e Homem e, enquanto esteve com Deus na eternidade e depois de haver voltado para Deus, o *Logos* possui uma natureza divina. João enfatiza muito bem essa realidade do *logos* no Evangelho;

Enquanto Homem, Jesus Cristo viveu como uma pessoa normal de sua época: Jesus vai ao Templo de Jerusalém (João 2, 13 – 14), Jesus viajava (Jo. 4, 4 – 5); Jesus tinha sentimentos como medo de morrer (João 12, 27) e raiva ( Jo. 14 – 17). Jesus chorou (João 11, 35). Passou por um julgamento como um homem criminoso (Jo. 18) e morreu (Jo. 19, 30).

Enquanto Deus, Jesus Cristo desvela segredos pessoais de uma mulher (Jo. 4, 16 – 26); Realiza muitos milagres como a cura de um paralítico (5, 1 – 8) e de um cego (9, 1 – 12); multiplica alimentos para um enorme número de pessoas (6, 1 – 14); ressuscita um defunto (11, 38 – 44); prevê o futuro (13, 21); entra em local fechado ( 20, 19) e ressuscita-se da morte (20, 11 – 18).

As duas naturezas do *logos* não estão em combate, como uma tentativa de vencer uma à outra, há entre as mesmas uma perfeita harmonia que proporciona a constituição humana (e divina) de Jesus Cristo. Jesus não é diferente de Deus nem possui características diferentes de Deus, pelo contrário, Jesus é o mesmo que Deus. *“O Pai e eu somos um”* Jo. 10, 30. Não é sem erro que os concílios de Niceia e Constantinopla concluem em seu Símbolo niceno-constantinopolitano que Jesus é consubstancial ao Pai:

[...] Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E por nos, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus,e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da virgem Maria, e se fez homem. [...] Catecismo, P. 59.

### 3.2.4 Conclusão

No evangelho de João, procura-se compreender quem é Jesus; de onde ele veio, quais foram as suas atitudes enquanto Homem e enquanto Deus; qual a relação entre Deus e Jesus entre outras questões que diferem dos evangelhos sinóticos e torna o evangelho de João único.

Neste, afirma-se que o *logos* é Deus e que, num determinado momento da História, Deus enviou o *logos* à Humanidade para comunicar-lhes a verdadeira doutrina. Esse *logos* presente na terra é Jesus Cristo que, ao mesmo tempo que é Filho de Deus é também Deus. Afirma-se que o *logos* sempre existiu, ele é atemporal. Ele criou o universo e o mundo foi criado por meio do *logos* de Deus. Sendo assim, o *logos* no evangelho de João é Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

# O LÓGOS EM SÃO JUSTINO.

## 3.1 Introdução

Na Obra *Apologias I,* Justino está preocupado principalmente em defender os cristãos das acusações que são feitas contra eles por meio de uma exposição lógica e racional. Para embasar teoricamente a religião, o autor procura, no pensamento filosófico e nas escrituras judaicas, argumentos que orientam e solidificam a doutrina cristã. O conceito de *logos*, que era uma discussão tradicional da filosofia, foi muito bem aproveitado por Justino a fim de fundamentar a crescente religião. Por isso fez-se, neste trabalho, esse caminho passando pelos filósofos mais importantes, e que Justino cita em sua obra, para iniciar nas concepções do autor sobre o tema “*logos*”.

### 3.1.2 Datas históricas e profecias do antigo testamento.

Justino apresentou partes do Antigo testamento que prefiguraram a vida, de Cristo. Ressalta que tais profecias, contidas nos livros do Antigo Testamento, foram feitas a mais de quinhentos e até mil anos antes de sua época, por profetas que não se conheceram e que tinham diferença temporal de gerações. Contudo, não foi o objetivo dessa pesquisa compreender por qual motivo o autor escreve que determinadas profecias foram feitas até, segundo ele, *cinco mil anos antes de Cristo*. Analisando o contexto que a obra foi escrita, isto é, de guerras e constantes massacres aos cristãos, pode-se entender o porquê desse exagero nas datas históricas. Pode-se também compreender que nessa época não se dispunha de uma historiografia com datas históricas rigorosamente observadas. E, observando rigorosamente meio em que a obra que aprofunda-se aqui foi elaborada, provavelmente não era objetivo de Justino figurar datas exatas, mas a relevância da argumentação.

## 3.2 O *lógos* em São Justino

### 3.2.1 O *lógos* antes de Cristo.

Ao ler os livros do Antigo Testamento, principalmente os proféticos, observa-se uma linguagem diferenciada em relação a outros livros não proféticos da Bíblia. Quando, num livro profético, um profeta está falando algo que Deus o disse, esse proclama isso em primeira pessoa, ou seja, ao invés de falar, por exemplo, que Deus está dizendo alguma coisa, esse diz que “Eu digo-vos”. Essa forma de proclamar, em primeira pessoa, algo que Deus comunicou, como se fosse o próprio profeta que estivesse falando, é problematizada por Justino, e propõe que essa forma de se comunicar deve ser cuidadosamente interpretada. Quando um profeta escreve dessa forma, não significa que a profecia está sendo feita por ele, como se fosse um dom que o profeta possuísse de “ver o futuro”, por exemplo. Todavia é a ação do *logos* que os move, tomando-os para anunciar tal profecia e por isso que, na Bíblia, os profetas falavam em primeira pessoa, porque era o Verbo Divino que “falava” por meio deles.

 1 Percebamos que quando ouvis que os profetas falam como em própria pessoa, não deveis pensar que assim falam os próprios homens inspirados, mas é o Verbo divino que os move. 2 Algumas vezes ele fala como que anunciando de antemão o que vai acontecer, outras como se estivesse no lugar de Deus, Soberano e Pai do universo, outras na pessoa de Cristo, e outras ainda, das pessoas que respondem ao seu Pai e Senhor. Algo semelhante acontece com vossos próprios escritores, em que um é aquele que escreveu tudo, mas são várias as pessoas que entram no diálogo. [Justino, 1995, p. 26]

Para o filósofo, o *logos* utilizava-se os profetas para manifestar-se e por esse motivo os profetas falavam em primeira pessoa. Cita como exemplo os diálogos filosóficos: Uma é a pessoa que escreve, mas são várias as que falam neste; é semelhante nos livros proféticos: O profeta fala em primeira pessoa, mas é o Logos que está falando neste. Sendo assim, o *logos* de Deus, já atuava na humanidade por meio dos profetas de Israel.

 Procurando fundamentar tal argumentação, recorre às passagens Bíblicas que comprovam seu argumento e alguns dos fatos da vida de Jesus, profetizados antes mesmo de seu nascimento. Não iremos aprofundarmo-nos nessas passagens, visto que não é o objetivo central dessa pesquisa.

3.2.2 A manifestação do *lógos*

O *lógos,* para São Justino é mais que uma palavra; é a própria palavra de Deus, o Verbo de Deus. Em um determinado momento da história, o Verbo de Deus veio ao mundo para, não mais falar através dos profetas, mas por Ele mesmo. Assim, o Logos veio ao mundo, tornou-se uma pessoa e essa Pessoa, que é o Filho de Deus, foi chamado Jesus Cristo. Além disso, Justino expõe que os cristãos reconhecem que Jesus Cristo, o *logos* de Deus, governa o Universo:

“7 Que isso, porém, não vos será de bom augúrio, o Verbo o demonstra, ele que é o rei mais alto, o governante mais justo que conhecemos, depois de Deus que o gerou. ”(Justino, 1995, P. 15)

 Ao se fazer homem como os outros, o *logos* não perdeu a sua identidade, pois não se tornou um homem mortal como todos os homens, mas *continuou sendo Deus*: O *logos* veio ao mundo na pessoa do filho de Deus. Sendo assim, o *logos* se manifestou dês do início do mundo, criando o mundo, falando pelos profetas e, quando Deus percebeu que era o momento propício, manifestou o *logos* através de Jesus Cristo.

## 3.2.3 A salvação por meio do *Logos*

Para Justino, além de Deus manifestar o *logos* enviando à terra seu filho, Jesus Cristo, Deus estabeleceu um acordo com os seres humanos, no qual aqueles que cressem em Jesus Cristo ganhariam, depois que morressem, a salvação no reino de Deus. Ou seja, aquelas pessoas que vivem segundo o *Logos*, após a morte, ressuscitarão e irão para o Reino de Deus e lá viverão para sempre. A doutrina cristã da ressurreição e do Reino de Deus ainda precisava ser explicada profundamente e de forma convincente, a fim de ser entendida na época pelos perseguidores. Frente a esse problema, Justino elabora uma riquíssima argumentação, a qual seguir-se-á, nesse trabalho, a lógica usada pelo autor.

###  3.2.4 A doutrina da ressurreição

Segundo Justino, as pessoas duvidam da ressurreição dos mortos porque nunca se viu falar que alguém de alguém que morreu e tenha voltado da morte e dito como é o *outro lado*. E, pelo fato de a morte ser algo tão natural de modo que todo o ser humano tenha que passar por ela além de, até hoje, não haver um sequer que tenha voltado à vida, ressuscitado, se crê que haver uma vida após a morte ou a ressurreição dos mortos é algo impossível. Porém, da mesma forma que as pessoas duvidavam dos cristãos no que diz respeito a ressurreição dos mortos, por acharem impossível, outros fenômenos e criações humanas eram tidas como impossíveis em várias épocas.

Era inconcebível a ideia da abolição da escravidão no séc. XVIII; e quem poderia dizer à duzentos anos atrás que o homem poderia voar? Antes do ano 1900, ninguém sequer ponderava a possibilidade de haver um meio de transporte cuja a rotação de seu motor dependesse de uma explosão dentro de si, e mais anda, que essa explosão não desintegraria as estruturas do mesmo motor; e hoje verifica-se que todos os carros possuem um motor que só funciona por meio de sucessivas explosões que ocorrem no seu interior, isto é, o mesmo que era tido como impossível. O mesmo ocorre com o avião, que é um meio de transporte comum e a escravidão, que hoje é um crime.

O mesmo acontece com o corpo humano e a vida humana. Se tivéssemos outra forma física e a vida fosse diferente da que conhecemos e vivêssemos em uma outra realidade, e nos fosse apresentado um ser humano e uma gota de sêmen e nos fosse exposto que essa pequena gota tornar-se-ia um ser humano, ou que o ser humano foi, um dia, uma gota de sêmen, e ainda mais que de uma única gota podem sair dois seres humanos, de gêneros, cor e diversas características diferentes, será que acreditaríamos no que estariam nos expondo ou duvidaríamos cegamente? É para natural para nós crer que por meio de uma gota de sêmen se fecunda um óvulo e uma mulher fica gestante de um ser humano, pois vivemos nessa realidade, mas se não vivêssemos, provavelmente não iríamos crer. O mesmo ocorre com a ressurreição dos mortos; é difícil compreender porque nunca se viu alguém ressuscitar, mas não por isso seria impossível.

## 3.2.5 Cristãos antes de Cristo.

Explicou-se acima que aquelas pessoas que vivem segundo o *logos* são os cristãos e esses se salvarão, pois vivem segundo os desígnios de Deus e com ele viverão no seu reino. Contudo, havia Cristo nascido acerca de cento e trinta anos na época que a obra em questão (apologias I) foi escrita. Além disso, havia pelo menos cem anos em que a pregação do cristianismo iniciou, por Jesus Cristo. Sabendo dessa realidade, o que poder-se-ia falar das pessoas que viviam antes de Cristo existir? Elas não alcançaram a salvação por não conhecerem a doutrina de Cristo?

 Para São Justino, todo Ser Humano possui uma participação no *logos.* Deus, o Criador da espécie Humana, colocou no Homem uma “semente” do *logos* antes mesmo da sua plena manifestação, com Jesus. Dessa forma muitas pessoas, deixando-se guiar pela semente do *logos* em si, acertaram em seus julgamentos e tiveram êxito em suas tentativas. Contudo, essas contemplavam apenas uma centelha do *logos* e não a sua plenitude, como os cristãos contemplam, e por isso muitas vezes erraram ou não tiveram muito êxito em seus julgamentos.

2 Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que ele é o Verbo, do qual todo o gênero humano participou. 3 Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando do foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes; e entre os bárbaros com Abraão, Ananias, Azarias e Misael, e muitos outros, cujos fatos e nomes omitimos agora, pois seria longo enumerar. (JUSTINO, 1995, p.30)

 Essas pessoas que se guiaram pelo *logos*, Justino afirma que viveram segundo a doutrina de Cristo, e consecutivamente são cristãs. E não somente essas pessoas que viveram antes de Cristo, mas todo aquele que se guia pela razão é, de certa forma, um cristão, ainda que não conheça a doutrina cristã ou Jesus Cristo.

# 3.3 Conclusão

Em sua obra, Apologias I, São Justino defende que o logos de que os filósofos falavam é Jesus Cristo. Defende também que o logos estava com Deus antes de vir à terra na pessoa de Jesus, esse manifestou-se parcialmente, falando pelos profetas no antigo testamento e na criação do mundo. Antes do logos vir à terra, conhecia-se esse parcialmente e a partir de sua vinda, conhece-se esse em sua plenitude, pois revelou-se em sua plenitude.

Segundo o autor, os cristão possuem a verdadeira filosofia, pois a vinda de Jesus Cristo havia sido predita por profecias feitas anos antes de sua vinda, e filósofos falavam sobre Jesus, quando se falavam sobre o *logos*. Os cristãos que verdadeiramente vivem os mandamentos deixados por Jesus, ressuscitarão após a morte e irão para o Reino de Deus, onde viverão eternamente, bem como todas as pessoas que viveram e vivem segundo a semente do *logos* que Deus implantou em todo Ser Humano.

Tendo em vista tudo que foi exposto até agora, pode-se concluir que, em São Justino de Roma, a palavra grega *logos* pode ser entendida por “verbo” “palavra”; além de, como visto acima, entender que para ele, Jesus Cristo é o próprio *logos*.

# Outros aspectos da primeira apologia de São Justino.

## 4.1 A diferença entre Jesus Cristo e os outros profetas

Na obra, Justino protesta contra a insensatez da perseguição que o Império Romano realizava contra os cristãos e demonstra como outras religiões eram toleradas e somente o cristianismo sofria a censura do Império. Tentando explicar a natureza de Jesus Cristo, em relação à de outros fundadores de outras religiões, inicia sua argumentação a fim de convencer as autoridades do Império.

Cita exemplos de pessoas que eram quase contemporâneas a Jesus e que faziam quase as mesmas coisas que ele, como curar doentes; realização de pregações e milagres, além de terem promovido fenômenos populares como peregrinações de multidões para vê-los. Cita, inclusive, três nomes de figuras históricas, que muito pouco sobre eles se encontra, que são: Meandro, Simão e Marcião, que, como Cristo, tiveram discípulos e posteriormente, seguidores.

A diferença entre Jesus e esses outros profetas é que é verdadeiramente Jesus o Verbo de Deus, o Criador do Universo e dos homens, e esses outros profetas são pessoas cujos demônios, possuindo-os na procura de dispersas as pessoas e confundi-las, tomou posse desses a fim de que fossem capazes de realizar obras parecidas com as de Cristo. Justino também se vale da septuaginta para expor profecias que falavam sobre Jesus séculos antes dele existir, o que não ocorre com os outros pregadores.

## 4.2 os verdadeiros cristãos

Deus criou o homem dotado de razão. Por isso, é de inteira responsabilidade dele escolher ou não ser cristão. Além disso, depois da escolha ao cristianismo, os cristãos devem se esforçar para permanecerem firmes na doutrina cristã.

 No princípio, ele criou o gênero humano racional, capaz de escolher a verdade e praticar o bem, de modo que não existe homem que tenha desculpa diante de Deus, pois todos foram criados racionais e capazes de contemplar a verdade. (Justino, 1995, p. 22)

Os cristãos devem se esforçar para estarem sempre de aocrdo com aquilo que a religião prega: ninguém pode levar uma vida dupla e a conversão não pode ser mentirosa, mas integral. A “Filosofia cristã” exige comprometimento e fidelidade dos seus adeptos para seguir verdadeiramente o que manda o seu fundador, Jesus Cristo. Justino defende que se acontecer do Império encontrar alguém que esteja em desacordo com a doutrina cristã, deve ser, de fato, punida.

 Aqueles, porém, que se vê que não vivem como ele ensinou, sejam declarados como não cristãos, por mais que repitam com a língua os ensinamentos de Cristo, pois ele disse que se salvariam não os que apenas falassem, mas que também praticassem as obras. [...] Aqueles que não vivem conforme os ensinamentos de Cristo e são cristãos apenas de nome, nós somos os primeiros a vos pedir que sejam castigados. (JUSTINO, 1995, p. 18)

## 4.3 A origem da Patrística

Justino faz umacrítica dura às religiões vigentes na época da compilação da sua primeira apologia. O que, para ele, faz que as pessoas não compreendam a mensagem Cristã, deturpando-a e perseguindo os seus adeptos são demônios que estão espalhados e querem destruir a essência do cristianismo, e, confundindo a cabeça da pessoa, fazerem que elas hajam dessa forma. Por isso deve-se explicar corretamente, por meio de apologias e escritos, o pensamento Cristão.

Justino não foi o único que escreveu apologias, muitos outros bispos e convertidos dos primeiros séculos do cristianismo escreveram inúmeras obras que procuravam fundamentar o cristianismo. No início do cristianismo do ano 100 até cerca do ano 200 D.C, foi muito comum às obras serem chamadas de apologias, pois procuravam defender a doutrina cristã. Os escritores são chamados de “padres apologistas” ou somente “apologistas”.

Essa corrente de apologistas é chamada de patrística, ou patrologia, pois esses primeiros escritores estavam ainda que sem saber, escrevendo o início do cristianismo e embasando tradições que foram compiladas e por isso são chamados de “Pais da Igreja”, pois foram esses que organizaram as mais antigas tradições e os primeiros dogmas cristãos.

EPÍGRAFE

 **☧**

“In hoc signun vinces”

# CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Neste trabalho, procurou-se aprofundar na primeira grande obra da Patrística e seu autor, além de estabelecer relações entre o pensamento do mesmo e filósofos anteriores a ele. Desejou-se entender a concepção de *logos* em Heráclito e Platão, e a concepção de Justino sobre o mesmo, além de abordar alguns outros aspectos da primeira apologia.

Justino de Roma, um dos primeiros cristãos, e o primeiro apologista a escrever profundamente sobre diversos aspectos da crescente religião, exerceu inúmeras atividades na capital do Império Romano no séc. II D.C; foi professor, escritor, advogado, filósofo. Sobre ele, nos chegaram duas apologias e um diálogo com Trifão, que conta a sua conversão de modo poético.

 Justino buscou defender o cristianismo racionalmente, a fim de que as mortes injustas terminassem e que os julgamentos fossem feitos de modo justo, com direito à defesa por parte dos acusados. Justino foi também um grande evangelizador: teve discípulos e converteu também pessoas à Religião. Seu discípulo mais notável chama-se Taciano que, a exemplo de seu mestre, escreveu uma obra intitulada “Discurso aos gregos”*,* na qual defendia o cristianismo.

Na primeira apologia de Justino, aparecem diversos aspectos da época e da Religião. Tentando fundamentar a doutrina cristã, Justino afirma que o *logos* ao qual falavam os filósofos é Jesus Cristo, e que seus adeptos estão na filosofia verdadeira, pois encontraram a verdade da filosofia e a salvação.Justino morreu em 165 D.C. acusado injustamente perante o Império, foi decapitado com seis outras pessoas, sendo vítima daquilo que combatia.

 Finaliza-se esse trabalho almejando que o período da patrística seja buscado com fervor pelos estudantes cristãos a fim de que, voltando ao início dessa maravilhosa Religião, possam encontrar a raiz da mesma além de, com o exemplo dos grandes santos que enfrentavam a fúria de Roma, serem verdadeiras testemunhas nesse mundo, não cansando de lutar para alcançarmos a paz perpétua e o respeito mútuo.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SEGUNDA NAVEGAÇÃO OU A DESCOBERTA DA METAFÍSICA. Disponível em: < http://filosofia-bis.blogspot.com.br/2012/02/segunda-navegacao-ou-descoberta-da.html> Acesso em: maio de 2017.

# ALVES, lira. Heráclito: o filósofo do fogo. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/quimica/heraclito-filosofo-fogo.htm>.>Acesso em: 11/ 03/ 2017, as 15:50.

ARAÚJO, Ana Paula de. HERÁCLITO; Infoescola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofos/heraclito/>> Acesso entre Janeiro e Março de 2017.

BERGE, Damiao. O LOGOS HERACLÍTICO. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. 447p.

DE ROMA, Justino. PATRISTICA: I e II apologias e diálogo com Trifão. Volume III. São Paulo: Paulus, 2006. 328 p.

DE ÉFESO, Heráclito. Fragmentos de ‘Sobre a Natureza’. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/fragmentos-de-herc3a1clito-da-natureza.pdf>.> Acesso em 11/ 03/ 2017, às 14:38.

DE ROMA, Justino. Apologias I. Disponível em <<http://www.monergismo.com/textos/apologetica/Justino_de_Roma_IApologia.pdf>>, acesso em 15/ 03/ 2017, as 16:39.

HERÁCLITO; TodaMatéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/heraclito/> Acesso entre Janeiro e março de 2017.

PLATÃO. FÉDON: A imortalidade da alma. Membros do grupo de discussão Acrópolis. 59 p. Disponível em <[http://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf%>](http://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf%25%3E%20) . Acesso em: maio de 2017.

PLATÃO. DIÁLOGOS. 1° Ed. São Paulo, 1972. 258 p. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1034656/mod\_resource/content/1/Plat%C3%A3o%20-%20cole%C3%A7%C3%A3o%20os%20pensadores%20%281973%29.pdf> acesso em 30/ 05/ 2017 as 18:34.

PLATÓN. DIÁLOGOS. Madrid, Espanha. Editora Gredos, 1988. 413 p.

REALE, Giovani. HISTÓRIA DA FILOSOFIA. São Paulo: Paulus, 1990. 693 p.

ROCHA, Zeferino. Herácliro de Éfeso; o filosofo do fogo. Disponivel em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v7n4/1415-4714-rlpf-7-4-0007.pdf>>*,* acesso em 12/ 03/ 2017 as 00:32.

SOUZA, Líria Alves de. HERÁCLITO: O FILÓSOFO DO FOGO; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/quimica/heraclito-filosofo-fogo.htm>. Acesso entre Janeiro e março de 2017.

VENANCIO, Ericsson. O absoluto enquanto Processo em Heráclito e Hegel (Uma leitura a partir dos fragmentos de Heráclito e do prefácio da Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel) Disponível: em <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4065/1/2005_art_evcoriolano.pdf>.> Acesso em: 11/ 03/ 2017, as 14:32.